



O CORPO DO/DA/DE ARTISTA EM SUA PRODUÇÃO VISUAL, MARCANDO UMA VONTADE POÉTICA DE PRESENÇA NO MUNDO FÍSICO E VIRTUAL

THE BODY OF THE ARTIST IN HIS/HER VISUAL PRODUCTION, MARKING A POETIC LONGING FOR PRESENCE IN THE PHYSICAL AND VIRTUAL WORLD

Alice Jean Monselli
PPGARTES/UFPEL

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a produção de ações performativas e arte digital dos colaboradores do projeto de pesquisa em poéticas visuais Sobras do Cotidiano e Contextos dx Artista: Deslocamentos Físicos e Virtuais, nas quais se notam a presença do corpo do próprio artista ou de sua representação. Reflito sobre o que parecem ser deslocamentos do modo de perceber o termo “presença” atualmente, em relação ao mundo pós-pandêmico, vivenciado por meios físicos e digitais (online). Posteriormente, abordo obras de Barbara Kruger, Alex Flemming e Bruce Nauman que mostram o corpo de formas diversas, indagando sobre um corpo que se transforma em campo de atuação do artista, ao construir relações contextuais no mundo. Por fim, discuto os modos poéticos em que a presença do corpo dos artistas deste projeto opera relações singulares com seu contexto vivencial.

PALAVRAS-CHAVE

Campo. Contato digital. Contexto. Presença digital. Presença do próprio corpo.

ABSTRACT

This paper reflects on the production of performative actions and digital art by collaborators of the research project in visual poetics Everyday Leftovers and Contexts of the Artist: Physical and Virtual Displacements, in which one note's the presence of the artist's own body or representation. I reflect on what seem to be shifts in the way we currently perceive the idea of “presence”, in relation to the post-pandemic world, experienced through physical and digital (online) means. Subsequently, I discuss works by Barbara Kruger, Alex Flemming and Bruce Nauman that treat the body using different media and consider a body that transforms into a field of action, as the artist builds contextual relationships in the world. Finally, I discuss the poetic ways in which the presence of the artists' bodies in this project operates unique relationships with their experiential context.

KEYWORDS

Field. Digital contact. Context. Digital Presence. Presence of one's own body.

Este trabalho emerge da reflexão sobre as produções artísticas recentes de alunos do Bacharelado em Artes Visuais e Mestrado em Artes que oriento no projeto de pesquisa



Sobras do Cotidiano e Contextos dx Artista: Deslocamentos Físicos e Virtuais (PPGArtes/UFPel). O projeto foca no desenvolvimento das poéticas visuais desses jovens artistas que trabalham com diversos meios e procedimentos, abordando temas relacionados ao gênero, à casa e ao isolamento durante a pandemia, a partir de procedimentos fotográficos, fotoperformance e a arte digital. Apesar da diversidade temática e técnica dos trabalhos, comecei a perceber algo em comum: o corpo do próprio artista presente em todos os trabalhos, não como autorretrato, nem como autoimagem, mas como meio pelo qual o/a/e artista poderia relacionar poeticamente com o mundo por meio de seu corpo, com os objetos e as pessoas em seu entorno ambiental físico ou digital. Procurei refletir sobre tal semelhança e questionar se isso não é um sinal de deslocamento nos modos de ver o mundo depois da pandemia. Pois, o mundo hoje é dividido, em dois territórios vivenciais, dois tipos de espaço ou contextos para a atuação, nos quais o corpo experimenta sua presença física e digital.

Nosso cotidiano é dividido entre atividades que acontecem com o corpo fisicamente presente, bem como sem sua presença física. Nos atos diários virtuais, acontecem o que posso chamar de contatos e atuações digitais em que o corpo físico não está literalmente presente. Ao mesmo tempo, há uma presença digital do corpo, da voz, do rosto ou mensagem enviada. Pergunto: Como poderia orientar jovens artistas num projeto de pesquisa em artes, sem questionar as mudanças no modo de perceber sua relação com o mundo, ao construir suas identidades, suas poéticas visuais e suas relações cotidianas? Como premissa, este questionamento se baseia na crença que esses jovens cresceram num mundo dividido, que, talvez, poderíamos chamar de uma realidade dupla que é física e virtual, muito diferente do que minha experiência de uma pessoa nascida nos anos 1960, quase exclusivamente presencial em relação às atividades diárias e relações com outras pessoas. Minha experiência de vida, até 1997, foi via contato direto, ou por meio de cartas escritas manualmente ou pela conexão de um telefone fixo à distância, uma comunicação que consistia de um contato direto e simultâneo por meio da troca de vozes não gravadas. Será que percebo esta atualidade, depois da pandemia, através do mesmo filtro vivencial da geração do milênio..., também chamada de geração da internet?

Jovens artistas, experiência da pandemia



A presença do corpo nas obras dos colaboradores do projeto me fez questionar os impactos da pandemia. Minhas conversas com alunos revelaram que o isolamento e distanciamento sociais da pandemia os afetaram muito mais do que a mim. Talvez, o surgimento de trabalhos com o corpo, naquele momento, foi sinal de sua *vontade de presença no mundo*, uma forma de resistência e contraponto ao fato que, durante a pandemia, esses jovens não poderiam estar ou ser 'presente' fisicamente. Não podiam efetuar encontros diretos com colegas, nem expor num espaço expositivo, nem falar com colegas dos cursos do Bacharelado e Mestrado em Artes Visuais, nem trocar ideias em grupo, organizar eventos, ou desenvolver relacionamentos sociais diretamente. Seu corpo estava presente e cheio de energia para produzir, mas isolado no próprio quarto. O que um corpo do jovem artista poderia fazer num espaço físico contido e ambiente social reduzido, durante o contexto frágil e precária da pandemia COVID-19? Neste contexto, se sente forçado a modificar seus procedimentos artísticos manuais para, abruptamente, começar a explorar outras possibilidades de praticar a arte e a vida por meio de uma presença digital nas redes sociais da internet... Ao olhar seu corpo no espelho, talvez comece a experimentar com a imagem de si, performar o contexto doméstico, investigar relações físicas com a mobília, ou subverter poeticamente a imagem de seu corpo na internet.

'Presença do corpo' no cotidiano físico/virtual

A noção de *presença do corpo*, em nosso cotidiano físico e virtual pós pandêmico se ampliou para incluir outras formas de pensar nossa presença física e digital. Passamos um período de dois anos com a sensação de não ter presença física, exceto em casa, mas estávamos junto e *presente por meio digital*, em web conferências, na gravação em áudio ou mensagem digital. Uma sensação de presença ambígua toma forma irônica quando, em 2024, tive a experiência de sentar numa mesa com quatro pessoas, cada um acessando mensagens em seu celular, e tive a impressão de que essas pessoas *fisicamente presentes*, estavam em *outro lugar* (fisicamente presentes, mas não cognitivamente). Mesmo depois da pandemia, muitas atividades cotidianas continuam online e a noção de nossa presença se desloca. Por exemplo, eu posso ter uma *presença digital* ou *estar presente* numa web conferência. Em outro exemplo desta mudança de percepção em torno da noção de



presença de nosso corpo, cito um trecho de um texto sobre atendimento de serviços de alimentação e *delivery*, nos quais há uma entrega presencial de um produto ou alimento que foi pedido online. Segundo Botelho, Cardoso e Canella (2020, n.p., *grifo nosso*):

O *atendimento presencial* em estabelecimentos do setor de alimentação fora do lar foi proibido ou limitado por decretos durante a maior parte do tempo desde o início da pandemia [...]. Como consequência, bares, lanchonetes, restaurantes e congêneres adotaram ou intensificaram sua *presença no ambiente digital*,

Na citação, a primeira frase grifada utiliza o termo “presencial” para evitar confusões entre atendimento em sua casa (envolvendo a presença física do cliente e entregador), versus um “atendimento não presencial” (um serviço online, sem a presença física das pessoas). Isso é uma experiência comum hoje em dia. No entanto, esquecemos que, antes da pandemia, não seria necessário distinguir a atividade *como presencial* ou não. Vivenciamos encontros presenciais (com o corpo físico presente), em contraponto aos eventos *não presenciais* (sem o corpo físico presente). No entanto, na mesma citação, é curioso ver o segundo termo grifado, *presença no ambiente digital*, que se refere a um tipo de *presença digital* num *ambiente online*. O termo implica que, hoje, percebemos uma outra forma de *presença* que não é, de fato, *presencial*, mas que vale como *nossa presença* (mesmo sem o corpo fisicamente presente). Isso pode ser chamado de *presença digital*, que se refere à presença, por exemplo: em ambientes e redes digitais; em imagens de nossos corpos; nossas vozes em áudios; nossos textos e mensagens; nos avisos enviados em e-aulas; nossos rostos no Facebook; nas imagens de nossos corpos e produções no Instagram, ou seja, tudo que sinaliza as produções de nosso corpo transmitidas por meio de canais da internet. Isso implica a possibilidade de construir formas de *contato digital* entre as pessoas, potencializando novas formas de apresentar nos mesmos (e nossa identidade) online.

De forma semelhante, nossa presença digital é expressa por meio de propostas artísticas que conectam o artista com outras pessoas, que se trata de um ato de presença digital. O artista pode construir sua presença digital online como modo de entrar em contato com públicos outros, ao mesmo tempo, ampliando sua visibilidade e conectividade. A atuação do artista online poderia se reduzir a um tipo de marketing,



ou assumir formas de presença mais poéticas. O termo “presença digital” emergiu em função do uso da internet para fins econômicos. Segundo Martha Gabriel (2010), a “presença digital” de empresas se distingue em três tipos de “presença digital”: presença própria, presença gratuita e presença paga. Em geral, podemos entender o conceito em termos da presença de conteúdos ativos que aumentam a visibilidade da empresa, de sua marca no espaço da Internet. O conceito de presença digital, neste contexto, seria a visibilidade online de uma empresa que “atua” ativamente na internet, ao construir a presença de sua identidade visual.

Em relação à área de artes visuais, esse texto não tem a intenção de focar na *presença digital* de artistas com finalidades meramente econômicas. Indago sobre a presença do corpo do/da/de artistas que usam a internet como espaço de atuação poética, e de exposições online, como meio para efetuar trocas e compartilhar proposições e para efetuar contato digital poético com públicos internautas. A *presença digital* de um artista pode significar: *estar presente digitalmente*, estar “conectado”, “online”, “em comunicação”, ser visto e visível online por meio das produções. Esses artistas não querem somente divulgar seus trabalhos online, fazem questão de mostrar *sua* presença, a *presença do próprio corpo* em quase todos seus trabalhos que, para mim, implica uma vontade de presença (físico e digital) no mundo.

Referências artísticas: o corpo como campo/contexto

Ao considerar a presença do corpo do próprio artista na obra, considero alguns artistas que experimentaram com seu corpo, ou imagens do corpo, como meio para criticar aspectos políticos e sociais, ou para performar o espaço circundante de um lugar. As obras selecionadas parecem mostrar um corpo que se estende num território ideológico, tomado pelo artista, como local que o corpo ocupa. O corpo se torna (quase) sítio específico, um campo de atuação e, ainda, um contexto de arte. O corpo é o ponto zero para as práticas artísticas, pois se usa o próprio corpo para atuar e realizar práticas manuais e digitais, tanto na performance, quanto no clique do mouse. O corpo está presente fisicamente no apertar de um botão da tomada fotográfica, na tecla que ativa os conteúdos ativos transmitidos e ao observar o entorno durante o ato de caminhar. O corpo é o local de inscrição do mundo por meio do contato contingente



da pele. O corpo, na arte e na vida, também se estende a ser um campo de batalha ou ao ser incorporado num contexto de atuação poética.

Em 2003, o artista brasileiro Alex Flemming realizou um trabalho chamado *Eu*, que é uma continuação da série *Body Builders* de 2002. A imagem parte de uma fotografia reproduzida por meio de uma impressão em policromia sobre lona sintética (COCCHIARALE; MANATA, 2006, p. 143) e mostra um torso musculoso masculino e jovem com um mapa do Oriente Médio no seu abdômen, incorporado como inscrição em sua pele. Não é claro se a imagem é do corpo do artista, mas o título “*Eu*” indica sua identificação com este corpo-mapa conectado ao lugar distante, pela sobreposição das duas imagens, mapa e corpo. Segundo Maria Teresa Santoro (2004, n.p.).

O corpo humano pode ainda servir de suporte para a denúncia-crítica da sociedade contemporânea, como as fotos retrabalhadas da série “*Body Builders*”, de 2002, na qual o artista imprime, sobre peles de corpos atléticos, mapas de regiões do mundo em conflito.

A imagem do corpo é articulada pelo artista, como se seu corpo fosse um território marcado pelo conflito. É uma tática artística de declarar sua posição diante da guerra. O corpo, que chamou de “*Eu*”, implica uma forma de estender, simbolicamente, seu corpo em contingência com a situação de outro lugar e sugere: O que acontece *lá*, também acontece *aqui e comigo, com meu corpo*.

O corpo na obra *Sem Título* de 1989, conhecida como *Your body is a Battleground* (*Seu corpo é um campo de batalha*) da artista estadunidense Barbara Kruger, mostra uma imagem impressa em serigrafia fotográfica sobre vinil de um rosto feminino, sobre a qual está impresso em vermelho: “Seu corpo é um campo de batalha” na língua inglesa. Sobre o trabalho, cito um texto do museu The Broad em Los Angeles, EUA:

Kruger aborda a mídia e a política em sua língua nativa: sensacional, autoritária e direta. Pronomes pessoais como “você” e “eu” [... trazem] o espectador para cada peça. “O endereço direto impulsionou meu trabalho desde o início”, disse Kruger. [...] “Ela exige que consideremos como as nossas identidades são formadas dentro da cultura, através da representação na linguagem e na imagem (THE BROAD.ORG, s.d, n.p, tradução nossa).



Na obra *Seu corpo é um campo de batalha*, a artista endereça diretamente o espectador usando uma manchete remanescente de um jornal. A foto do rosto em preto e branco está dividida, metade positiva e outra negativa, implicando, um corpo dividido.

O ano de 1989 foi marcado por numerosas manifestações de protesto contra uma nova onda de leis antiaborto que poderia destruir a decisão de 1973 do Supremo Tribunal *Roe v. Wade*ⁱⁱ. *Sem título (Seu corpo é um campo de batalha)* foi produzido por Kruger para a Marcha das Mulheres em Washington em apoio à liberdade reprodutiva. O rosto da mulher, desencarnado, dividido em exposições positivas e negativas, e obscurecido pelo texto, marca uma divisão acentuada. Esta imagem é simultaneamente arte e protesto. Embora a sua origem esteja ligada a um momento específico, a força da obra reside na intemporalidade da sua declaração. (THE BROAD.ORG, s.d, n.p, tradução nossa).

Em Kruger, a tática de usar a imagem do corpo-rosto dividido revela uma “declaração de artista” (*artist’s statement*), afirmando sua posição em relação à liberdade reprodutiva do corpo da mulher, ameaçada em 1989, e perdida hoje nos EUA, mostrando a relevância desta imagem do corpo ‘contido’ por limites sociais e políticos. O rosto dividido da mulher conota o campo de batalha dos direitos sobre o próprio corpo, assim como a imagem do corpo dividido se torna o campo de batalha e contexto de atuação artística de Kruger.

Em 1968, o jovem artista estadunidense, Bruce Nauman, começou a investigar as relações do seu próprio corpo no seu estúdio, com uma série de ações corporais, tais como: *Wall floor positions (Posições Parede chão*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMSyhyvr0mw>). Nessa experimentação, Nauman testa limites físicos, as medidas e dimensões do próprio corpo em relação ao entorno ambiental e arquitetônico. Posteriormente, em 1974, Nauman usou palavras para propor experimentos com o corpo no espaço de uma galeria, com a série de proposições chamada *Experiência do corpo*. Em *Body Pressure 22 (Pressão do corpo)* de 1974, o artista evoca a participação do público visitante da galeria. Ele disponibilizou um cartaz na parede da galeria, com instruções as quais descrevem uma relação específica a ser experimentada, pelo participante, entre seu corpo e a parede do espaço expositivo: *pressionar ao máximo possível a parte frontal do corpo contra a parede*. Essas ações corporais do artista não se limitaram à presença do



próprio corpo do Nauman. Como consequência dos experimentos iniciais, o artista expande sua investigação para compartilhar a experiência do próprio corpo com os participantes/ visitantes de suas mostras, as quais são associadas ao Body Arte que coincide historicamente com os primórdios da performance e vídeo arte. (Observa-se que uma versão em português do cartaz com instruções de Nauman é disponível em vídeo digital: *Experiência do corpo # 18: Body Pressure*, no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=nUYFD1EQTo8> & ab_channel=alterquia).

Produções atuais, o corpo próprio presente

Numa série de fotoperformances, intitulada *Experimentos (In) Residência*, o artista Rogger Bandeira (egresso do Mestrado em Artes Visuais da UFPel) se aproxima do procedimento de Bruce Nauman, ao testar os limites de seu corpo fisicamente suspenso entre duas cadeiras em sua casa (Imagem 1).



Imagem 1. Experimentos com o objeto vestível *Macaquinho* e duas cadeiras em *(In) residência* pelo projeto *Molde_amc*, 2020. Foto: Patrícia dos Santos.

Segundo o artista:

Nessas ações, meu corpo se comporta de maneira diferente, com desconforto, tentando um repouso no vão entre esses dois objetos. Ou talvez seria melhor dizer que meu corpo se torna instrumento de procedimentos que exploram posições e relações não habituais com os móveis, causando certo estranhamento, testando desafios da força



de gravidade. Há uma tensão do peso do corpo que é mantido rígido para haver sustentação da posição escolhida em relação às cadeiras. Meu corpo pode, a qualquer momento, cair.

Numa proposta posterior, Bandeira atuou fora de casa, nas ruas desertas do espaço urbano, numa relação transitória entre seu corpo e a arquitetura na zona do porto de Pelotas. A fotoperformance foi projetada a partir de uma ação de desenhar os contornos das sombras projetadas em *A sombra de tudo*. Na ação, o artista usou giz branco, no asfalto, para contornar as sombras da arquitetura e da própria sombra. As sombras se movimentam, devido ao movimento do sol. O trabalho fala de uma imagem frágil e impermanente do corpo no entorno urbano igualmente transitório e sombroso. Seu corpo não é sólido. Na fotoperformance, realizada no final da pandemia, a imagem mostra corpos de sombras transitórias num espaço urbano aberto e vazio, onde o artista pode se deslocar livremente, mas não há a presença de outros pedestres. É um espaço público no qual a ação no local constrói uma imagem de sua presença efêmera e transeunte. O gesto manual de marcar uma fronteira-contorno da sombra com giz é feito sabendo que o pó branco depositado no chão será lavado pela chuva. A figura do corpo na fotografia digital é índice de sua presença e da ação corporal - um gesto transitório, como passos marcados na areia.

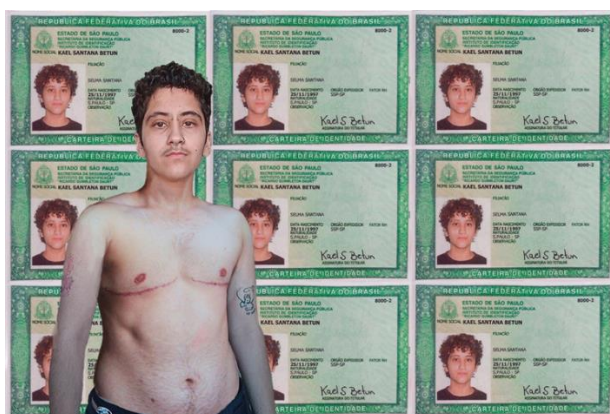


Imagem 2. Kael Betun. RG: registro do que sou e do que quero ser, arte postal digital, 2023.

O trabalho de arte digital de Kael Betun (bolsista PBIP-AF) apresenta seu corpo numa imagem que compartilhou online com outras pessoas durante a pandemia – que poderíamos designar de e-carta ou arte e-postal (Imagem 2). Em seu rosto, a artista adicionou um bigode usando recursos digitais e, em seu torso, aparecem marcas, que aparentam ser sinais de uma cirurgia plástica de remoção dos seios. Este



procedimento digital, que efetua uma modificação visual da figura de seu corpo fotografado, pode ser considerado um modo de realizar um ato performativo subversivo, pois, o procedimento digital é a maneira de utilizar a imagem de seu próprio corpo para realizar inscrições subversivas sobre a superfície de seu corpo por meio da manipulação digital fotográfica da imagem.

Segundo Betun,

Minha poética busca pensar naquelas identidades que não se encaixam nas classificações estreitas ou ideais e normas de um gênero binário. As imagens produzem figurações de corpos com gêneros indistintos que afrontam. Sua nudez afronta e afirma a expressão de suas identidades de gênero e corpos não-conformantes que passam por um processo de formação e não conformação à heteronormatividade que lhes é imposta. Mas por buscar a diferença, podem ser marginalizados e categorizados socialmente como anormais e patológicos.

Em outras propostas nas quais intervém digitalmente em pinturas clássicas, Betun insere imagens de seu rosto pintado, usando recursos de pintura digital sobre o rosto de figuras femininas ou masculinas do quadro. O procedimento é uma tática de subverter um corpo heteronormativo por meio de atos subversivos de inscrição no corpo, criando dois corpos que são recombinações, ou imagens de corpos recriados, nos quais Betun pode adicionar digitalmente: pelos, bigodes e a genitália masculina/feminina, e seu próprio rosto sobreposto em outros corpos. As obras levantam questões de gênero. No livro, *Problemas de gênero*, Judith Butler (2018, n.p.) questiona:

O que constitui uma repetição subversiva no interior das práticas significantes do gênero? [...] Será que isso oferece a possibilidade de uma repetição que não seja inteiramente cerceada pela injunção de reconsolidar as identidades naturalizadas? Assim como as superfícies corporais são impostas como o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada, que revela o status performativo do próprio natural.

Portanto, em Butler, vimos um traço desta ideia do corpo como um “lugar”, neste caso, um “lugar de uma performance dissonante” inscrito na superfície do corpo próprio, via sua presença na imagem digital, a presença de um ‘corpo não conformante’, que nos remete à tática artística semelhante ao Alex Flemming que, também, trabalhou com a



inscrição de um mapa na pele de um corpo, por meio de uma imagem fotográfica (analógica) impressa.

Vivian Parastchuk (bolsista PROBIC) desenvolveu a série fotográfica *Corpo Subterfúgio*, que mostra um lar onde seu corpo toma posições peculiares e desconfortáveis em relação à mobília. Sua própria casa foi apropriada pelo ato de presença e transformada em palco performativo para uma plateia internauta ausente e distante. Posteriormente, as fotografias foram apresentadas em exposição online (disponível em: <https://projetoismp.wixsite.com/imagensensivel/exposi%C3%A7%C3%A3o>). Sua casa que, em tempos de crise, havia se transformado em cenário estranho de isolamento corporal em preto e branco, território de evasão e refúgio desconfortável... O lar que era, uma vez, abrigo e aconchego, também é seu espaço de atuar como artista, um lugar apropriado para sua prática. As peças da casa são espaços para a montagem da cena. Numa imagem, seu corpo é disposto deitado no chão e se desdobra no entorno do vaso no banheiro. Seu corpo se torna plástico, um corpo contingente de um território fisicamente limitado que, no entanto, se abre para atos performativos e a tomada fotográfica. Segundo Parastchuk,

Essas fotografias têm como referencial a artistas norte-americanas Francesca Woodman que usou a fotografia analógica, e a artista contemporânea Brooke Didonato que utiliza a fotografia digital para retratar seu próprio corpo em posições não habituais em relação à casa e seus objetos, o que poderia causar certo efeito de estranhamento. Como em meu trabalho, as artistas parecem pensar o deslocamento do corpo pelos espaços não acessados da casa.

Sua fotoperformance *Recriando o dentro, fora de casa*, de 2023 (disponível em: <https://www.instagram.com/p/C46LErNJoAY/>), estende seu corpo além do isolamento na casa, ao experimentar seu corpo no espaço fora de casa, que também propus como proposição para a participação do público presente. A ação consiste em um ato de assumir uma pose específica na esquina do cruzamento entre ruas Conde de Porto Alegre e Alberto Rosa na zona do porto de Pelotas, ação que foi realizada durante uma caminhada coletiva. Na ação, os participantes e a artista recriaram a pose de uma fotografia famosa da artista norte-americana Francesca Woodman, *Autorretrato com lírio* de 1977-78, que é uma artista que experimentou quase exclusivamente com



imagens e poses do próprio corpo em contextos fisicamente contidos e, muitas vezes, domésticos.

Em outras fotografias autorais, Parastchuk apresenta o próprio corpo nu em poses desconfortáveis e peculiares, desdobrado ao redor de objetos, móveis e estruturas do banheiro de sua casa (as fotografias da série são disponíveis numa exposição que continua online em: <https://projetoismp.wixsite.com/imagenssensivel/exposi%C3%A7%C3%A3o>). Sua casa, nas fotografias realizadas em tempos da crise, havia se transformado em cenário estranho de um corpo contido em preto e branco, território de evasão e refúgio desconfortável, mas também seu espaço de atuar como artista, um lugar apropriado pela artista para sua prática – um teto todo seu... um território fisicamente limitado que, no entanto, se abre para atos performativos e a tomada fotográfica.

Considerações finais

Esses jovens artistas, nascidos num mundo diferente do que meu, percebem este mundo através de dois filtros de experiência presencial: física e digital. Eles experimentam com o próprio corpo e a imagem de si nesse contexto durante e depois da pandemia, e tentam entender a situação e relação com seu mundo imediato: seu corpo num quarto monótono; seu corpo em relação aos objetos da casa; a imagem de seu corpo em fotografias digitais; a imagem do seu corpo compartilhado online; seu corpo nu dentro de casa; um corpo contido; seu corpo fora de casa, performando a imagem do seu corpo caindo da cama, e exposto online. Não se pode esquecer que são construções artísticas criadas com o intuito de serem apresentadas publicamente. Nesse sentido, a imagem poética do próprio corpo é também modo de se projetar no mundo, expressar a vontade de ter presença *como artista* nesse mundo que é físico e virtual, e modo de apresentar seu corpo publicamente por meio da imagem digital e da fotoperformance. Imersos no tédio e na tristeza do isolamento social, essa produção potencializa a energia vital e criativa desses artistas jovens. Com o impulso desta vontade de presença no mundo, atuam como artistas com a matéria concreta e a imagem digital do próprio corpo. Experimentam com outros modos de agir, por contatos físicos e virtuais, criando outras relações entre seu corpo, o entorno, a internet e o que percebe como mundo. Constrói possíveis relações artísticas com um



cotidiano físico/virtual e com outras pessoas ao caminhar na rua e ao se deslocar nas redes sociais – no encontro com públicos outros.

Referências

BOTELHO, Laís Vargas Botelho; CARDOSO, Leticia de Oliveira; CANELLA, Daniela Silva. COVID-19 e ambiente alimentar digital no Brasil: reflexões sobre a influência da pandemia no uso de aplicativos de delivery de comida. **CSP Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, no. 11, n.p., 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/pX8fFSjkVQXLLwFwbhWPYJd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 3 fev. 2024.

COCCHIARALE, Fernando. MANATA, Franz.(Orgs.). **É HOJE na Arte Brasileira Contemporânea**: Coleção Gilberto Chateaubriand. Porto Alegre: Santander Cultural, 15 de fev. a 28 maio, 2006, catálogo.

GABRIEL, Martha Carrer Cruz. **Marketing na Era Digital**: conceitos, plataformas e estratégias. 1. ed. São Paulo: Novatec Editora, 2010.

SANTORO, Maria Teresa. Os corpos de Alex Fleming. In: **Revista Trópico**, 2004. Disponível em: <http://www.mariateresasantoro.com/maria-teresa-santoro/2004/7/1/os-corpos-de-alex-flemming.html>. Acesso em: 15. abr. 2024.

THE BROAD.ORG. Barbara Kruger. The Broad. Los Angeles (acervo digital), s.d.. Disponível em: <https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger> e em: <https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger/untitled-your-body-battleground>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Notas

ⁱ Professora Associada dos cursos do Bacharelado em Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes do Centro de Artes da UFPel. Líder do grupo de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq/UFPel). Coordenadora do projeto de pesquisa Sobras do cotidiano e contextos dx artista: Deslocamentos físicos e virtuais. Associada ANPAP; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5146-9536>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4833048616847907>, alicemondomestico@gmail.com.

ⁱⁱ Esclareço que a citação se refere a um caso da Corte Suprema dos Estados Unidos Roe contra Wade, no qual deu ganho de causa para as mulheres terem a opção de fazer aborto em 1973. Em 2022, a Corte Suprema dos EUA, retirou esse direito constitucional, isto é, retirou o direito de escolha da mulher de ter controle sobre seu próprio corpo, sem a intervenção do estado.